



## Entrevista

---

### Entrevista com Monica Wittenberg

Interview with Monika Wittenberg

[Entrevista realizada por **Marcia Blasi**]

É domingo, 2 de junho, 1990, 14h, não muito após a Guerra de Sete Dias. O telefone toca: “Sra. Wittenberg, vamos matar você.” A voz soa no idioma africâner.

“Ah, muito obrigado por me contar.” Peter Kerchhoff, que, com sua família, também tivera que aguentar muitos telefonemas assim, havia nos aconselhado a dar essa resposta.

“Quem é você, me ligando assim? Você não é um homem negro.”

“Não, sou um ‘mestiço’.<sup>1</sup> Mas eu quero reafirmar o que estou dizendo: vamos matar você.”

“Bem, muito obrigada.”<sup>2</sup>

É assim que Monika Wittenberg, nossa entrevistada nesta edição da revista, inicia o relato de uma das muitas ocasiões em que sua vida foi ameaçada por viver e trabalhar pelo fim do Apartheid na África do Sul. A história foi premiada no concurso “Histórias verdadeiras de Kwazulu-

---

\* Doutoranda em Teologia na Faculdades EST, uma das coordenadoras do Programa de Gênero e Religião da mesma instituição. Contato: retalhos13@hotmail.com

<sup>1</sup> *Colored*: palavra utilizada durante o Apartheid para designar as pessoas da mistura de raças, não sendo nem brancas nem negras.

<sup>2</sup> “The Halo”, texto publicado no jornal The Witness, Kwazulu-Natal, 16/11/2012. A ameaça se tornou realidade no dia 20 de junho de 1990 quando Monika sofreu uma tentativa de assassinato quando voltava de uma visita a uma família enlutada em um bairro negro. Um carro policial bateu no seu pequeno Golf azul causando um grave acidente. Monika fraturou algumas vértebras no pescoço, mas não houve rompimento de medula, sendo que não resultou em paralisia.



Natal 2012” (True Stories of KZN 2012) e publicada no jornal local.

Monika é uma mulher acolhedora e simples. Com um sorriso aberto e muita simpatia, ela conversa com todas as pessoas que encontra pelo caminho. Conversa em inglês, swahili, alemão, africâner ou zulu. Sempre tem uma pergunta ou um bom comentário a fazer. Sua voz suave e seus passos tranquilos enganam quem pensa que ela é uma vovó conforme os estereótipos construídos em nossas sociedades. Claro que ela é uma vovó maravilhosa e atenta à vida das netas e dos netos. Quando começa a contar suas histórias ou ler seus textos, muitos deles premiados por diversos concursos, é que ela se torna grande, muito grande. Na verdade, Monika é uma ativista pela paz e justiça, pelo fim da discriminação étnica na África do Sul e forte opositora ao regime do Apartheid. Com seu pequeno carro azul, conseguia ir onde muitas outras pessoas nem imaginavam chegar, ou a lugares que algumas pessoas nem sabiam existir. Como mulher branca e no contexto em que vive, é preciso dizer: ela dedicou sua vida para mudar o regime que governou a África do Sul por mais de quarenta anos. Com empenho, salvou da morte ou da prisão muitos jovens negros, apoiou e acolheu famílias desamparadas mesmo quando isso colocava em risco a sua própria família.

Com o fim do Apartheid em 1990 e com as muitas mudanças trazidas com a eleição de Nelson Mandela em 1994, ela e o marido, Gunther Wittemberg, decidiram se dedicar mais diretamente a um novo projeto, sonhado havia bastante tempo: criar uma escola de formação teológica diaconal para mulheres destinada a fortalecer as igrejas luteranas que haviam se dividido pelo Apartheid. Em outubro de 1995, com a aposentadoria de Gunther, Monika e o esposo venderam a casa da família e se mudaram para a Comunidade Kenosis.<sup>3</sup> Mesmo com muita dedicação e esforço, a comunidade passou por muitas mudanças e desafios. Continua hoje como uma casa abrigo para crianças órfãs em decorrência do vírus da Aids.

Em 2014, exatamente 20 anos após a eleição de Nelson Mandela para presidente da África do Sul, o esposo Gunther faleceu ao seu lado. Monika encontrou forças para enfrentar a perda do companheiro nas muitas amizades cultivadas no decorrer dos anos. Ela hoje vive em uma comunidade e está rodeada de amigas e amigos que têm o privilégio de receber suas visitas, ouvir suas histórias e admirar os jardins. Monika escreve diariamente e respondeu a nossas perguntas via email.

### **Podes nos contar um pouco de você, da sua história de vida?**

Eu nasci na Tanzânia em uma família missionária vinda da Alemanha. Assim também foi com Gunther, meu marido. Crescemos juntos. Quando estourou a Segunda Guerra Mundial, todos

<sup>3</sup> Uma breve história da comunidade pode ser encontrada aqui: <http://www.kenosis.org.za/a-brief-history-of-kenosis/>.



as pessoas alemãs foram levadas da Tanzânia e colocados em acampamentos internacionais, os homens para África do Sul, perto de Kimberley, e as mulheres e crianças no campo de Harare, no interior de Salisbury, Rodésia do Sul naquela época (hoje, Zimbábue). Nossa vida foi boa no acampamento e tivemos uma senhora comandante muito eficiente, a Sra. Rule. Algumas mulheres construíram uma choupana coberta de palha para as crianças pequenas. Dois meninos muito espertos atearam fogo à choupana e onze crianças morreram, entre elas a irmã de Gunther, com quatro anos de idade. “O rei George” pôs as famílias afetadas em um acampamento para famílias. Logo depois, reuniu todas as famílias em nosso acampamento. Quando a guerra terminou, todas e todos nós, três mil alemães, deveriam ser enviadas e enviados de volta para a Alemanha, mas por dois anos não havia nenhum navio, até 1947. Quando isso foi possível, a Igreja Reformada Holandesa já tinha decidido que gostaria que os missionários ficassem no país. Jan Smuts, “o presidente”, não tinha nenhum interesse em ter alemães na África do Sul, mas finalmente permitiu que vários missionários ficassem. Meu pai, o médico, era o primeiro da lista e o pai de Gunther foi o último.

Fazia muito frio na Cidade do Cabo quando o navio foi embora sem os missionários, que ficaram para trás com quase nada. Meu pai não foi autorizado a exercer a medicina. Éramos sete crianças na família. O pai de Gunther foi contratado por membros da Igreja da Morávia, que pagavam muito pouco. Foram tempos muito difíceis. Gunther e seus irmãos foram admitidos no internato de Hermannsburg<sup>4</sup>. Podiam ir para casa somente duas vezes por ano. Depois de certo tempo, finalmente meu pai foi autorizado a criar um hospital na fronteira entre a África do Sul e Botsuana. Nós, crianças, tínhamos que ir para as Escolas Internas Africâner<sup>5</sup>, o que não era agradável. Fomos doutrinadas ao pensamento do Apartheid e eu não fui bem tratada.

Depois da escola primária, fiz o treinamento em enfermagem na cidade de Pretória. Quando terminei, fui para a Alemanha, onde queria conhecer meus avôs e minhas avós antes de morrerem. Lá encontrei Gunther Wittenberg novamente, que tinha ido para a Alemanha estudar Teologia. Os luteranos brancos não podiam estudar teologia na África do Sul naquele tempo. Pouco depois, o pai dele morreu subitamente de um ataque cardíaco. Este momento foi bem difícil. Não havia como ele pudesse ir para casa e ficar com sua família. Foi aí que foi plantada em seu coração a pequena semente de iniciar a formação teológica para todas as pessoas na África do Sul.

Na Alemanha, estudei em uma escola bíblica e depois fui trabalhar numa comunidade do norte da Alemanha. Como os estudos teológicos levavam muito tempo, fiz minha formação para parteira na Inglaterra. Quando terminei, firmamos matrimônio em Betel, onde o famoso

<sup>4</sup> Escola interna na zona rural da África do Sul.

<sup>5</sup> Escolas para crianças brancas cuja língua utilizada era o africâner.



Bodelschwigh havia criado um lugar seguro para receber e acomodar pessoas epiléticas ou com alguma deficiência. As nossas mães cresceram naquele lugar. Quando Gunther foi aprovado no segundo exame teológico que fez, em seguida foi ordenado.

### **O que aconteceu então? Retornaram para África do Sul?**

Sim. Enfim podíamos empacotar nossos pertences e rumar para a África do Sul. O decano von Delphit tinha organizado tudo para Gunther ser seu estagiário por um ano. Fomos acolhidos na nova igreja em Bellville e fomos muito felizes aí. A comunidade solicitou à igreja para que assumíssemos o pastorado e foi assim que servimos a comunidade por seis felizes anos. Nesse tempo, Gunther tinha trabalhado em planos para criar a possibilidade de formação teológica para pessoas luteranas na África do Sul. Para que isso fosse possível, os líderes da igreja o enviaram novamente para a Alemanha agora para fazer o doutorado, e assim iniciar a formação teológica na África do Sul após voltar. Passamos três anos na bela Herrenberg, enquanto Gunther estudava em Tübingen, nas proximidades. (Nesta época já tínhamos quatro crianças). Quando Gunther terminou seus estudos, retornamos para África do Sul, dessa vez para Pietermaritzburg. Gunther trabalhou muito para estabelecer uma formação teológica apropriada para a realidade sul-africana e um lugar para que os/as estudantes pudessem viver. Foi fundado assim o Instituto Teológico Luterano (Lutheran Theological Institute), que vocês conheceram<sup>6</sup>. Ele queria que estudantes negros e brancos estudassem juntos. Mas que tarefa tão difícil! Escrever sobre isso levaria muito tempo e espaço! Porém tenho tudo registrado, pois muito escrevemos nos jornais!

### **Você diz que tem tudo registrado. O que a fez começar escrever as histórias e experiências vividas?**

O que me fez começar? Bem, comecei a escrever um diário porque tinha filhos tão maravilhosos dizendo coisas muito maravilhosas. (Posso dizer isso?) Martin (12) lia o jornal todos os dias e achava as coisas muito cruéis em nosso país. Um dia ele disse: "*Chegará o dia em que terei que dizer alguma coisa, não vai ser fácil, eles podem me deter e até me colocar em confinamento solitário. O que você vai dizer quando ouvir que eu estou na prisão?*" Eu disse: "*Eu vou estar muito orgulhosa de você!*" Devo confessar que só encontrei este registro depois que Martin saiu da prisão! Eu tinha esquecido. E então fiquei abismada sobre o quão verdadeiras suas palavras acabaram se

---

<sup>6</sup> Como estudantes de teologia da EST, Mauro Souza e eu tivemos a oportunidade de participar de um intercâmbio com o curso de teologia da Universidade de Kwazulu-Natal, em Pietermaritzburg, e moramos no citado instituto, onde conhecemos Monika e Gunther.



tornando: ele precisou passar cinco meses no confinamento solitário, na detenção sem julgamento. É claro que eu escrevia fielmente meu diário todos os dias que Martin estava preso.

### **Isso deve ter sido muito difícil?**

Esse foi o momento mais difícil de tudo que passamos. Ao mesmo tempo, esse período me aproximou muito de tantas pessoas que também tinham seus filhos na prisão. Martin não podia estar com os outros, porque era “branco”.

### **Qual foi a reação das pessoas ao redor de vocês quando souberam da prisão de Martin?**

Reação? Fomos bastante condenadas pelas pessoas brancas que eram nossas companheiras luteranas porque nos consideraram “comunistas”, por nos misturarmos com as pessoas negras. Tivemos algumas boas amizades, colegas do Gunther na universidade e em nossa comunidade. Não se falava nada sobre nossa situação. Continuei participando das reuniões de mulheres, cantava e ria com elas, sem lhes dizer nada, porque elas não perguntavam. Em tudo isso eu tinha uma sensação muito boa, que Martin estava preso porque lutou pela justiça e nós o apoiamos de todo o coração.

### **Aonde você encontrava forças para escrever?**

Como eu disse: tivemos a sensação de que toda a nossa família estava unida em tudo isso por uma causa justa. Era um bom sentimento. De repente, quando Mandela foi libertado da prisão ninguém mais era a favor do Apartheid, as pessoas se tornaram muito mais amigáveis conosco, porque de alguma forma perceberam que tínhamos estado nisso por uma causa justa. Muito obrigada por poder contar um pouco da minha história.

[Recebido em: novembro de 2016 /

Aceito em: dezembro de 2016]